

Gr  
1849  
11220

**DISCURSO**

DO

**SR. DEPUTADO PELA TERCEIRA**

**J. — B. de Almeida Garrett,**

NA DISCUSSÃO

DA

**RESPOSTA AO DISCURSO DA COROA,**

PRONUNCIADO

Na Sessão de 8 de Fevereiro de 1840.



LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

—  
1840.



*Resposta ao discurso da Coroa  
de Almeida Garrett  
na sessão de 8 de Fevereiro de 1840.*

DISCURSO

SR. DEPUTADO FELIX FERREIRA

T. de Almeida Garrett

na discussão

RESPOSTA AO DISCURSO DE CORCOA,

PROVINCIA DO

na sessão de 8 de fevereiro de 1840.



LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL

1840

# DISCURSO

DO SR. DEPUTADO

J.—B. DE ALMEIDA GARRETT.

A discussão vai larga e degenerada, ja principia a cansar a Camara, e ha muito que enfatiou a Nação. E comtudo, eu espero d'ella um grande fructo, uma utilidade immensa, inapreciavel, com que não só a Camara mas toda a Nação hade ganhar muito:— a próva indirecta, o testemunho irrefragavel, a convicção unanime de que não era este o modo, de que não era certamente este o stylo de discutir a resposta a um discurso da Coroa.

A discussão vai degenerada, digo; porque solemne e gravemente começada sobre o primeiro paragrapho do projecto, e parecendo querer estender-se á amplissima generalidade d'elle, affectando entrar n'esse vasto, importante e immenso assumpto, toda desandou, em viciosissimo círculo, á roda de uma palavra; para se contrahir, por fim, no mais pequeno dos objectos, no mais insignificante, no mais baixo: o das accusações e recriminações pessoas, o das injúrias, dos convicios, dos apodos;— palavras que deveriam riscar-se do dictionario de todas as linguas que teem a honra de ser falladas em um parlamento.

Nada tammanho e tam augusto como este primeiro acto de communhão em sentimentos e vontade, que annualmente se celebra entre o Povo e o Soberano! Esta primeira e solemne consultação em que o Chefe da Nação por sua boca, a Nação pela de seus representantes, mutuamente se vêem saudar ao Fóro da Liberdade, e, postos em commum as suas observações, os seus pensamentos, os seus projectos, os seus meios, pausados acordam no mais seguro e efficaç para se promover a felicidade da republica!

Nada tammanho, Senhores, nada tam sublime!  
— E nada tam pequeno, nada tam mesquinho, nada  
tam miseravel, tam indigno d'esta Camara como a  
maneira por que o estamos celebrando!

Ainda mal! é verdade: é triste verdade que, jun-  
to com poucos argumentos, os dictionarios, os vitu-  
periosos parecem querer usurpar o logar de todas  
as reflexões, substituir-se a todas as razões, darem-  
se por motivos sufficiente de tudo, e negar-se tudo,  
provar-se tudo com elles! — A que triste campo nos  
trazem a pelear!

E todavia, Senhores, eu venho a elle . . . venho,  
forçado, violentado, a despeito meu; por que ja  
não basta o silencio do desprezo quando se vê a vai-  
dade presumçosa interpretá-lo por confissão ou fra-  
queza. Venho a esse campo para que me empra-  
zaram obrigado, — não a lutar com as mesmas ar-  
mas (tenho vergonha, tenho nõjo d'ellas!) mas a  
repellir honesta, leal e cortezmente, mas fortemen-  
te, os golpes atraçoados com que quizeram ferir aos  
meus amigos do centro no que elles e eu temos mais  
caro e precioso, a nossa lealdade, a nossa constan-  
cia politica, a invariabilidade dos nossos principios,  
a nossa inalteravel e inabalavel adhesão á liberdade  
constitucional, á monarchia representativa, pela  
qual uns a fazenda, outros a saude temos sacrifi-  
cado, não poucos exposto a vida muitas vezes.

E' verdade: todas essas galés d'injúrias, nave-  
gadas de toda a parte do mundo, vieram descarre-  
gar-se a um imaginario porto Pyreu, onde, so-  
nhando os agradaveis sonhos da loucura ambiciosa  
e da cubiça phrenetica, nos supposeram a estes pou-  
cos homens do centro, que, por poucos, por mo-  
derados, por guardadores de todas as fórmãs, de-  
viam ter merecido mais alguma d'aquella civilidade  
e consideração com que a todos acatam, renunciando  
tantas vezes até a despicar-se das offensas, até a  
desaffrontar-se dos aggravos com que a todo o instan-  
te são provocados.

Seja-me testemunha a Camara, receba-me a Na-  
ção o protesto de coacção e violencia com que hoje  
venho fallar, forçado pelos gratuitos calumniadores  
d'este nosso centro a que tenho a honra de pertenc-

cer, a que pertenci sempre, a que sempre heide pertencer, e do qual me não arredarão, nem para um extremo nem para outro, ou injúrias impotentes ou affagos hypocritas: — que ambas as coisas teem comigo e com os meus amigos o mesmo podêr, a mesma fôrça.

Foi princípio d'esta questão uma palavra que tantas repugnancias excita, e com razão: a palavra é eminentemente *ordeira*. Nós a declaramos tal, nós a professamos e confessamos. A palavra *cooperar*. Palavra *ordeira*, digo, palavra do centro, palavra altamente parlamentar e liberal, tam equidistante do servilismo faccioso que em tudo consente e em todos confia, como do accinte faccioso e desordeiro que a todos suspeita e tudo impugna sem exame. F'acciosos, sim; que tam faccioso é o vil que se sujeita a tudo como o anarchista que nada quer.

No meio d'estes dois extremos estão os que *cooperam*; n'esse meio estamos nós e queremos estar; porque nós queremos *cooperar* na causa da patria, e não queremos, nem para nós nem para ninguem, o privilegio absurdo de seus *operarios* exclusivos. É eminentemente *ordeira* esta palavra *cooperar*; n'ella todo está symbolizado o systema da ordem, a doutrina, os princípios dos que muito se honram e comprazem n'esse nome de *Ordeiros* com que foram saudados por escarneo! Por mofa no'-lo deram; nós recebêmo'-lo como titulo insigne e nos gloriamos n'elle. *Cooperar* é a nossa palavra sagrada; nós a defendemos e sustentamos; é o *Verbo* da Doutrina e da *Ordem* que encarnou entre nós e que habitou connosco.

Grande é comeffeito o podêr d'essas palavras que em si resummem todo um systema, um universo de ideas e pensamentos, o dogma de toda uma crença! Tal é a *Ordem*. Magico chamaram a esse podêr; sancto lhe chamo eu, divino, omnipotente.

Do nada sahju este mundo em que vivemos, da immensidão da Sabedoria eterna a ordem que o formou e o rege. O *Fiat* da Omnipotencia foi a ordem que entrou no cahos, que dividiu os elementos, que separou a luz das trevas, o dia da noite, e compoz emfim este bello universo, tam bello na

ordem regular para que nos creou a Providencia, como era horroŕoso e feio antes d'essa ordem, como será espantoso e medonho quando a ordem se quebrar, quando, retirada a mão da Sabedoria moderadora, voltar a anarchia dos elementos para destruir o mundo.

Assim a omnipotencia da Liberdade creou o grandioso universo do systema representativo, e o seu *Fiat* foi *Ordem*. Ordem para todos os elementos que reluctavam no cahos da decrepita sociedade que acabou, no cahos da nova sociedade que ainda se não organizou. E' tremenda,  sagrada ésta palavra *Ordem*. Razão teem para se agitar o cahos, para se intumescerem as trevas, para se exacerbar a discordia terrivel dos elementos; porque,  palavra *Ordem*, cada um vai occupar o seu lugar, so o seu lugar natural, separado mas com nexos, unido mas sem confusão, com vida *normal* e regrada, mas sem essa existencia febricitante em que tanto se comprazem as organizações imperfeitas, porque so n'ellas podem ter um arremdo de vida.

Ordem, Senhores, ordem, repito,  o *Fiat* da Liberdade; a luz vai separar-se das trevas, o mal do bem, a monarchia do despotismo, a egualdade civil da demagogia, a religião do fanatismo; e a Liberdade creadora hade olhar para a sua obra, e ver que *ella está boa*.

E não hade ser grande o poder da Ordem? Não hade elle ser immenso em Portugal, entre este povo que so n'ella espera e confia, quanto as facções bravejam e blasphemam so de ouvila? Se o povo não tem outras esperanças de vida, se as facções bem sabem que não morrem d'outra morte! Assim, a cada triumpho da ordem, assim a cada applauso da Nação, fervem as maldições dos moribundos impenitentes que estrugem os ares para ver se ainda, no ultimo arranco, podem confundir a opinião pública e desappressar o peito do pêso immenso com que ella lh'o carrega.

Não que, em o Povo conhecendo bem a liberdade, em o Povo ouvindo e conhecendo a ordem, hade ver, hade conhecer que uma  impossivel sem a outra. . . e as facções hão de abdicar, e a Nação

hade reinar pelos seus Reis, e fazer leis pela sua Razão. — Que calamidade! Que dia de Juizo!

Depois da destruição de uma grande epocha, sôbre as ruínas de uma monarchia velha, decrepita, incompativel, impossivel, creou-se a monarchia nova, a fórma governamental d'este seculo em que vivemos, graças a Deus! — o *ultimatum* da civilização moderna.

Mas a antiga civilização, que se retira, ainda tinha um poderoso exército; a sua retaguarda de veteranos cansados e velhos, mas não covardes, ainda se encontra com a vanguarda da nossa. N'aquelles so ha ja a reminiscencia da antiga disciplina, estes são guerrilhas sem ella; a estrada está coberta dos abatizes do despotismo, das incompletas e improvisadas fabricações da Liberdade. Como não hade ser perpétua, ignobil, desleal e desnaturada a guerra! Quem fará possível e decisiva a victoria? Quem (e isso mais importa ainda), quem fará possível a paz depois da victoria? — Quem? A *ordem*. A ordem, que a essas guerrilhas dispersas e indisciplinadas, faceis de ser derrotadas por quaesquer seis granadeiros velhos que sabem obedecer á voz do commando, as enfileira em linhas regulares, as fórma em quadrados impenetraveis em cujos ouriços de baionetas vêem espetar-se e despedaçar-se cavallos e cavalleiros; que d'essas turbas, fracas de seu proprio valor individual, faz aquelles exercitos fortes que na guerra da independencia defenderam a nossa e a da Europa, que em nossas ultimas lides de liberdade nos reconquistaram quanta temos: — aquelles exercitos que, se o Imperador D. Pedro, se os verdadeiros liberaes não tivessem ouvido, não tivessem obedecido á palavra *ordem*, nunca se teriam formado, nunca teriam vencido; e Portugal seria ainda hoje um cahos em que a civilização velha luctaria com a nova; e os amigos da liberdade dispersos, desunidos, n'uma mão a espada para luctar com o inimigo commum, n'outra o punhal das discordias civis para se dilacerarem uns aos outros, fracos em sua fôrça, inermes no meio das armas, seriam tristemente vencidos, aniquilados pelo despotismo, esse cadaver da ordem, esse esqueleto que

tem as suas proporções não as suas fórmãs.... O esqueleto, disse? Não: a sombra, o phantasma da ordem: porque morta, consumida deve ella de estar onde póde surgir o despotismo.

Sabe pois ja o Povo Portuguez todo o valor da ordem; sabe que a ella deve os seus triumphos, a ella o premio de suas fadigas, a coroa de todas as suas victorias. Ouvi-la é salvar-se, segui-la é vencer. E por isso fazem tanto alarido as facções para que elle a não oiça, tanto o desatinam para que elle a não siga. Mas o Povo não hade ser enganado; confio certo que o não hade ser, e por uma razão muito simples; por que ja o tem sido muita vez, por que ja sabe, com amarga experiencia, em que misérias, em que desgraças vai sepultar-se, em que abysmos se tem precipitado sempre quando, transviado do caminho da ordem, se deixa fascinar de falsos conductores, e segue as despenhadas veredas das facções.

E não confundamos facções com partidos; d'estes não ha senão dois em Portugal que mereçam com verdade esse nome. Um é o da monarchia velha, outro o da monarchia nova. Tudo o mais são divisões iuaginarias e de capricho, sem limites naturaes nem principios conhecidos. Aquelles dois partidos respeito eu egualmente, a ambos tenho por sinceros e convencidos do que professam, em ambos ha lealdade e virtudes, em ambos conheço homens de bem, em ambos póde haver illudidos, mas ha de certo muita gente honrada e honesta. A um d'estes dois partidos pertencei sempre desde que abri os olhos da razão; ao outro combati sempre quasi antes que a tivesse, quasi por instincto do coração mais precoce que o raciocinar do intendmento.

Mas, por de traz d'estes dois partidos sinceros e consistentes, ha duas facções mentirosas, inintelligiveis, confusas, embusteiras e calumniadoras, descomposto aggregado de verdadeiros *duendes politicos*, dos *sophismadores* de todos os principios, de todos esses *fidalgotes d'aldea* que, por qualquer titulo, até pelo de bastardia, se querem apparentar com uma das duas nobres familias de partidos que ja descrevi — muitos até com ambas. O impenho



d'estas duas facções, ás vezes oppostas, ás vezes unidas, é illudir, enganar, confundir, inredar todas as questões que ou entre os dois partidos se levantam, ou se suscitam no seio mesmo de cada um d'elles, fazendo tal alarido de desordem que as questões se não intendam, que os pontos de dúvida se não esclareçam, e que, em vez de se decidirem com o raciocínio os objectos de discordia, a discordia desça ás ruas, arme os braços, e atropelle, em sanguinosas luctas civis, o que não se conhece a miudo se foi ou devia ser objecto de questão. São como essas phantasmas que projecta na sombra o clarão enganador da lanterna magica; nenhuma realidade teem, mas imitam espantosamente a verdade que desfiguram.

Uma destas facções manobra por traz do partido da monarchia antiga; esta é a facção dos hypocritas, dos tartufos que aos leaes Portuguezes da antiga crença pregam que a Liberdade é incompativel com a Monarchia; que a Religião e a Igreja forçosamente hão de vir a ser destruidas em um paiz que se reja por instituições livres; que todos os Constitucionaes são inimigos do Throno e do Altar, que a Liberdade é uma blasphemia, e a egualdade civil a anarchia. E este falso credo finge professar o leigo cubicoso e o sacerdote immoral, prostrados de dia deante do Altar do Deus de verdade, estirados de noite nas palestras de obscenas crapulas e devassas orgias.

E estes, invocando o nome de Jesu-Christo, do Filho do Homem que primeiro proclamou a verdadeira liberdade entre os homens; estes, em nome da primeira, da uica Religião que fez um dogma da egualdade da especie humana; estes que não intendem nem querem (não a querem digo eu!) a monarchia senão para escrava e ministra de suas oligarchias; estes cegam e desvairam o velho partido Realista; estes o fizeram instrumento de crimes e o deshonraram; e mancharam tanto nome illustre, envilleceram tanta nobreza, e deturparam tanta página gloriosa de nossa historia; e, especulando sòbre os mais nobres sentimentos do antigo coração portuguez, com a Legitimidade conseguiram a usur-

pação, pela lealdade chegaram á traição, em nome da Realeza instituíram um verdadeiro tribunal, e com seu falso e mentiroso Christianismo iam quasi reduzindo a Egreja Portugueza a uma bestial congregação de atheus, de indifferentistas e de hypocritas.

Esses bem clamam contra a Ordem que os desmascára, bem querem ligar-se com os nossos anarchistas que os ajudam a mentir!

Nem de caracteres menos falsos ou menos ignobeis é formada a outra facção incuberta de traz do partido da Monarchia nova, do nosso partido liberal, constitucional, que do mesmo modo pretende illudir e confundir. Tambem ésta, á semilhança d'aquelloutra, apenas em suas trevas refracta a luz alterada de nossos principios em que não crê, cujos raios directos não póde supportar, e precisa quebrá-los assim para que a não patenteem van, falsa e nulla de todo bem, como é.

Estes (não os constitucionaes de nenhuma côr, de nenhum matiz de côr) estes são os que tumultuam o povo com suas prégações anarchichas de que a Realeza é uma instituição absurda e incompativel com a liberdade, de que a Religião de Christo favorece o despotismo, de que as classes do Estado devem estar em guerra umas com as outras, de que o freio das leis é insupportavel e tyrannico, de que as distincções civis se oppoem á egualdade civil, de que a auctoridade pública é necessariamente oppressora e inimiga do Povo, de que para gosar da liberdade é preciso estar em contínuo movimento, não obedecer se não á propria vontade, usurpar todos os direitos, negar as obrigações todas.

E como não hão de estes taes, como não hão de suas fascinadas victimas proclamar inimigos da liberdade quantos fallam em ordem ou querem ordem?

D'estas facções despreziveis e malevolas bem sei que não ha aqui representantes; sinceramente o digo que não conheço dentro d'este recinto quem accettasse a missão infame e odiosa de representar tam abominaveis facções, de ser procurador de pretensões tam absurdas quanto perniciosas á mesma causa do Povo que todos jurámos defender. Mas receio

dos illudidos, dos inganados, dos que, nas melho-  
res e mais rectas intenções, podem ser instrumento  
de paixões e cubiças alheas que, se as chegarem a  
conhecer, tanto hão de repugnar á sua cabeça e amar-  
gar a seu coração.

Não, Senhores, não: aqui so um dos dois par-  
tidos verdadeiros está representado; o da monarchia  
nova, constitucional, a que todos pertencemos sem  
distincção, e a pezar, das leves differenças de fórma  
que cada um possa querer na applicação de princi-  
pios que a todos nos são communs.

Não tem orgams aqui o outro partido; não re-  
conheceu ainda esta arena que a todos os luctado-  
res sinceros está patente, este campo de honra que  
a todo o justador leal está aberto, cujos mantene-  
dores são a Justiça e a Tolerancia, unico juiz a  
Opinião publica. Que se desinganem, que venham,  
que appareçam com seus montantes de Ourique,  
com suas espadas de Aljubarrota, com seus arca-  
buzes de Montes-Claros! Venham. São Quinas Por-  
tuguezas verdadeiras as que tremulam n'esse pendão  
branco, como as que reluzem em nosso estandarte  
branco-azul. Venham, e lavemos junctos, nas lagry-  
mas do arrependimento, as nodos de sangue com  
que as facções nos fizeram manchar uma e outra  
bandeira. As criminosas são ellas, os remorsos sejam  
para ellas; os partidos são innocentes: consciencia  
livre para ambos, paz entre todos, que são Portu-  
guezes e irmãos.

As facções não teem aqui orgam; todos somos  
de um partido. Mas, quanto não é para se lamen-  
tar profundamente que a tal ponto tenham as fac-  
ções confundido as cousas mais simples, sophys-  
mado os principios mais claros, que até aqui che-  
guem echos de suas desvairadas e irracionaes preten-  
ções — e transmittidos por labios, aliàs honestos,  
que eu supponho verdadeiros, mas illudidos, mas que  
repettem as fatuas aberrações de um cerebro confun-  
dido, enredado no labyrintho que á volta de toda  
a gente de bem formam essas facções perversas para  
a desorientar e perder!

Illudidos! . . . Sim, sois illudidos vós todos os  
que, desejando o bem, fazeis tanto mal; vós que,

abdicando a razão que Deus vos deu para guia de vossas acções, — o intendmento, a vontade, as palavras, as opiniões, tudo sujeitadas ao capricho de uma van, de uma falsa e morredoura popularidade; que cerrais os ouvidos á voz da consciencia, quando ella vos brada: *E' falso!* e, conhecendo o êrro das turbas, sem coração nem piedade, bradais as turbas: *Teem razão!*

Sim, sois illudidos: e quem n'estes vinte annos de oscillação o não tem sido? Todos o fomos, a todos nos teem inganado as facções; todos, cuidando prégar as nossas doutrinas, temos sido prégadores de falsa lei; todos, cuidando trabalhar em nossa lavoura, todos temos grangeado a fazenda alhea; uns pelo Povo, outros pelo Rei, todos lidando em vão na nossa causa, todos obedecendo, sem o sabermos, aos motores incubertos que nos dirigem, que zombam de nossas fadigas, e se divertem com estes movimentos de manechim em que nós sos nos affadigamos, e elles sos aproveitam. *Sic vos non vobis.*

Temos, temos todos, mais ou menos, abraçado a nuvem por Juno; todos nos temos inganado com a *especie do bem*, todos erramos: porque o não confessaremos todos?

Porque as facções não querem, porque as facções nos aturdem os ouvidos, nos azoïnham as cabeças, nos espicaçam o coração, nos alvoraçam o amor proprio; e excitando em nós quanto tem de ignobil, de pequeno e de vil a nossa pobre natureza, de seus immundos vapores toldam o fraco lume da Razão divina que em nós está.

E' assim, é; porque as facções não querem que se discutam as questões, não querem que nós saibamos o que queremos. Querem-nos, a todos, neste vacuo escuro e de sempiterno horror em que tudo é desordem e confusão, em que ninguem a si mesmo se percebe, em que uns bradamos contra os outros sem saber o quê nem porque bradamos, e lutando nas trevas, digladiando-nos na escuridão, por fim nos destruamos uns aos outros, raça fadada de Cadmo, — porque so n'essa desordem e açougaria póde caber o momentaneo reinado das facções — so

n'esse momento em que não ha governo possivel, de nenhuma fórma, de nenhuma côr, de nenhum principio.

Portanto, venha de que lado vier, seja qual fór o principio, a idea politica a que a Ordem queira dar consistencia, organizando a sociedade, toda a facção contra ella se alevanta. Nada ha louvavel, nada ha desculpavel em quem uma vez fallou em ordem. E' a tunica do Centauro que o lambe de chammas, e o devora de angústias. Tenha perdido a inocidade e a saude sôbre os livros, -- fica ignorante. Desempenhasse honrada e zelosamente os cargos da republica, -- é um pecculador, um Verres. Fosse bom pae, bom filho, bom esposo, cidadão util, christão temente a Deus. -- A um vão-lhe desinter-rar os cadaveres dos paes, e com os ossos corcomidos dos seus o apedrejam; a outro, vão-lhe devassar nos peccados da sua gente para lh'os lançar á cara como crime e affronta propria. -- Perdesse, um a um, na defeza da patria os membros mutilados; -- resuscitar-lh'os-hão de escarneo, e o motejaram por seus gloriosos defeitos. Sente-se á direita ou á esquerda, tenha sido sempre leal aos seus amigos politicos, e mais ainda aos seus principios politicos; não ha fraternidade de opiniões, não ha vinculos de amizade. Fallou em ordem? Morra por ello. Não ha epithetos injuriosos, não ha alcunhas chocarreiras, não ha vituperios que não mereça: é um monstro, é um traidor, um insignificante, um *fidalgote* de aldeia que se quer *aparentar com as familias da côrte*. -- Que miseria!

Que miseria na verdade! Quando e como nos quizemos nós aparentar com essas familias *illustres*? E quaes são ellas, e aonde estão ellas, essas familias *illustres*?

Vai em quatro annos que os mais moços na vida parlamentar aqui estâmos sentados em nosso canto: quando procurámos a vossa alliança politica, homens dos extremos? Seria impugnando sempre vossas erradas doutrinas, seria combatendo sempre os vossos argumentos, denunciando sempre á opinião os vossos sophysmas? Não nos combatestes vós tambem sempre? Não ficámos, nós poucos e mal

ouvidos, não ficámos nós vencidos sempre pelos vossos votos, convencidos dos vossos argumentos nunca? Em toda a discussão de principios politicos — dos questionaveis se intende — estivemos alguma vez de accôrdo? Deixastes vós jamais, em todas essas occasiões, de nos accusar, de nos denunciar como sustentadores das mesmas doutrinas que defendemos hoje, que advogámos sempre, que sempre vos foram obnoxias? Mas vós prezais-vos de coherentes porque ainda hoje as impugnaes; e a nós porque ainda hoje as defendemos tambem, ousais-nos accusar de versateis e inconsistentes!

E porque? Porque hoje votámos com a direita? A vós o pergunto, deputados da esquerda: se os nossos principios achassem impugnadores no lado direito da Camara, se alguma vez os teem achado, não votariéis vós, não tendes vós votado com elles?

Pois o mesmo fazemos, o mesmo faremos sempre: a coherencia politica é de principios não de pessoas; esta fé professamos, por este unico voto estamos ligados, aos nossos constituintes o prometemos, de nós o espera a Nação a quem o jurámos.

Onde está, no nosso actual procedimento, onde esteve no que sempre fizemos, a prova d'esse fatuso desejo de nos aparentarmos com vossas *illustres familias*, a quem modestamente destes brazão e timbre, sem audiencia de rei-darmas-Portugal que não teria pouco que dizer na materia? — Nós não; que vós não disputamos a fidalguia, mas so o direito de primogenitura que usurpais fraudulentos; e, com o poeta da Religião e da Liberdade, com esse grande genio que Deus suscitou no meio da França para glória do Christianismo e para açoite dos tartufos politicos, nós vos perguntamos: “Quando foi que, Esaús da liberdade, nós renunciámos ao nosso quinhão da herança?” D’onde vos vem o direito que vos arrogais — não so de primeiros, mas de filhos unicos?

Illustre familia! E d’onde vos vem a illustração? Dos martyrios da Liberdade. Tambem nós os padecemos. Da glória que adquiristes para a Nação? Mas por feitos d’armas, não ha secção, não ha fracçãozinha de partido em Portugal que não tenha

parte n'elles. Mas por letras... oh!ahi nos humilhamos nós deante de todos, até de vós....

Tristissima e de mau gôsto foi essa ironica saudade com que, fingindo que so agora nos separavamos, de nós se despediu um orador da extrema, com quem, ao vê-lo tam saudoso, pareceria que sempre estivemos unidos em sentimentos e doutrinas politicas. Jamais o fomos: bem o sabe elle, nem ousará negá-lo, que lhe fôra mister renegar todas essas theorias obsoletas que aqui tem defendido sempre, contra nós que lh'as condemnámos sempre, por que sempre as tivemos e demonstrámos absurdas. Jamais os nossos votos se accordaram com os seus senão nas questões economicas geraes, em que, reasummindo a sua natural razão, muitas vezes a tem o illustre deputado, e por tal o apoiou o centro. E bem sabe elle que em semelhantes questões se pôde contar com os nossos votos.

Nós não queremos dominar as votações, mas queremos obstar ás votações cerradas de compadrio. Queremos votar com a esquerda ou com a direita segundo tiver razão uma ou outra. Intendemos fazer assim a nossa obrigação de centro, intendemos desimpennhar assim uma impopular mas indispensavel função parlamentar; estamos certos de seguir assim a opinião nacional que inquestionavel, e provadamente — quanto no govêrno representativo pôde provar-se — com seus votos tem confirmado ora o procedimento de uma, ora o de outra das duas secções do partido constitucional.

Nós intendemos assim o voto popular: e se elle nos ingana (o que não creio), culpae as vossas leis que lhe regularam a expressão.

E sôbre quem ousaria o emphatico orador, tam precipitado em liberalizar titulos, sôbre quem ousaria elle cuspir o de *bastardos*? Não sei. Bastardos ha de certo na casa da liberdade, bastardos que a deshonram, espurios que a desacreditam. Esses ramos degenerados de uma árvore illustre, esses que a todo o vento de opinião fluctuam, hão de ser de certo os que na factura da Constituição querem um princípio, e cavillam depois a sua execução nas leis organicas. Hão de ser de certo os que hoje accusam

de liberticida uma lei, e que ámanhan a defendem como paladio de liberdade. Hãode ser talvez os que serviram a tyrannia em quanto ella era poderosa, que depois serviram a demagogia quando a julgaram omnipotente, que hoje querem servir ainda — por que para servir nasceram — e ja não sabem a quem. Buscae-os esses homens não sei aonde; procuraes-os, não sei onde estão . . . . Mas não os haveis de achar no centro.

Bastardos hãode ser da casa da liberdade esses Gracchos ridiculos, esses Publicolas palhaços que ora se enfeitam da coroa civica nos Comicios, ora das perolas de barão feudal nos palacios. Procuraes-os, não sei onde os achareis. Aqui não: não temos ca barões no centro.

E não hãode as facções vociferar quando se falla em ordem, ordem que é razão e justiça, ordem que, sôbre tudo e mais que tudo, é verdade? — Não, que elle era doce invocar o nome de Jesu-Christo para so lhe tosquiar em vez de lhe apascentar o rebanho, e vir, horas mortas, ao altar comer as oblações da enganada piedade. — E a Ordem pulveriza de cinza o pavimento para mostrar no outro dia ao povo as pégadas dos seus embahidores . . . .

Não que elle era doce invocando o nome do Rei, reinar mais que elle, e governá-lo a elle, acclamar absoluto o seu podêr por immediato a Deus, e transferi-lo todo para uma Camarilha usurpadora.

Não, que elle era mais doce ainda, mais suave que tudo, dominar as turbas com a lisonja; dispor da fôrça bruta, que tanto mais serva e escrava é quanto mais cuida mandar; concentrar em si todos os direitos, monopolizar toda a liberdade para si so; — ter as honras de Catão e o podêr de Cesar; almoçar no foro os rabanos de Fabricio, e banquetear-se á noite nos temulentos palacios de Lucullo!

E a emprazadora da Ordem e os importunos dos Doutrinarios a patentear ao Povo estes mysterios Eleusinos, a abrir deante de seus olhos as austeras, as desenganadoras paginas da historia, a mostrar lhes ahí como dos Gracchos se fazem Catilinas, e dos Marios dictadores, como o tribuno se converte



sempre em aulico, o publicola em palaciano, mal as turbas se fatigam de seu reinado nominal, e o Podêr, por sua natural tendencia, ou se concentra no feixe consular, ou na vara dictatoria, ou no diadema imperial, ou no simples bastão do protectorato — em qualquer symbolo da Realeza que se destruiu mentindo, que mentindo se restabelece.

E hade-se deixar fallar a *Ordem*, e hade consentir-se que a oiça o Povo! Não: rufem-se-lhe as caixas da anarchia, summam-se esses brados de verdade como se summiram os ultimos clamores de perdão com que a Real Victima da França invergonhava do cadafalso os seus agozes.

E para essa França apponta a *Ordem* a cada instante, e a mostra de exemplo e escarmento ao Povo! E lhe mostra esses declamadores da Constituinte e da Convenção rasgando aos pés de Bonaparte a *Declaração dos direitos do homem*; ajoalhados deante do Papa na cerimonia christan da sagração do novo idolo, com a mesma devoção com que ouviram no *altar da patria* a sacrilega missa de um bispo apostata, com que nas profanadas basilicas, ebrios de vinho e de sangue, entoaram deante da prostituta deusa da Razão seus asquerosos dithirambos ao som da guilhotina reformadora! E o barrete phrygio do Sans-cullote é coroa ducal hoje; e os lictores de Robespierre andam agora na tábua, ou bolear agalloados as seges da casa do primeiro consul; e os mais furiosos niveladores da republica *uma e indivisivel*, desfaçadamente alardeam, deante do logrado povo de Paris, as fardas bordadas de creados do imperador Napoleão!

Mal do povo Portuguez se não ouvir e entender, ao menos a historia do seu tempo, para apprender nos erros alheos! Mal d'elle se, em estrada tam conhecida e trilhada, não vir as pégadas de sangue que os outros povos ahi deixaram!

Em tudo lhe mentem a ésta pobre Nação, tudo lhe desfiguram para que ella não intenda. Pois, de que se tracta agora? De mudar a Constituição, de destruir as leis existentes? Quem tal propoz, quem tal sustentou? O que se tem proposto e nós advogâmos, é dar comprimento e desinvolvimento á Cons-

tuição do Estado, com a reforma das leis organicas, não introduzindo leis novas (é falso); não destruindo as antigas (é mais falso ainda); mas procurando emendar aquelles defeitos que a experiencia tem mostrado, e a cujo exame sincero so póde proceder-se com ordem e tranquillidade, de nenhum modo entre clamores de praça, entre vaias de açogue.

E a nós nos dizem que queremos rasgar as leis! Rasgar as leis nós! . . . . Quando o fizemos, quando approvámos quem o fizera? Para deante da Nação Portugueza vos emprazamos, que bem sabe se de nós o deve temer ou de quem.

Mas as facções não argumentam nem discutem, porque nem sabem nem podem discutir; so querem, so podem, unicamente sabem praguejar, insultar, calumniar, blasphemar, *tomando em vão* os sanctos nomes da Liberdade, do Povo, do Rei e de Deus! E jurar que os Ordeiros são os inimigos de tudo, que a Ordem é o animal do Apocalypse, que mata, que destroi, que devora. E então levantam um grande clamor desatinado e confuso que insurdece os ouvidos; e suscitam do abysmo uma grande cerração de trevas que obceca os olhos da multidão e que, não lhe deixando ver nada do que é, prepara o intendimento para crer tudo o que não é.

Pois não ouvimos nós aqui um illustre orador do lado esquerdo da Camara, sem fazer justiça a seu proprio coração, abdicando o seu raciocinio natural, soltar, em vez de argumentos que podia e sabia fazer, meros sophismas em phrases redondas e bem soantes? N'esse genero de dizer lhe reconheço inquestionavel e superior talento. *Verba et practerea nihil* lhe chamou ja outro orador que se senta ao meu lado.

Dizem-se aqui, Senhores, proferem-se categoricamente e como axiomas, absurdos taes que até são injuriosos para aquelles cuja causa se defende, cujas opiniões se querem sustentar, cujos actos pretendem desculpar-se. Assim dogmaticamente foi ditto que o Podêr creado pela Carta tinha sido destruido. — Como, quando, quem destruiu o Podêr

creado pela Carta? A revolução de Setembro! E' falso, é calumnioso. Não commetteu esse crime a revolução, teve mais juizo que isso. Se a alguém veio tal desejo, se n'esses obscuros sotãos, se n'essas escondidas aguas-furtadas, onde, pelo testemunho do mesmo orador com quem fallo, sabemos que estavam covardemente agachados os anonymos conspiradores, os invergonhados instigadores d'esse acto que nunca ousaram confessar, nem depois que a tolerancia e a adopção nacional, remindo-o da culpa, converteu as suas consequencias em legalidade — se n'esses, (o que eu não creio facilmente) houve tam atroz pensamento, tam impopular, tam antiportuguez — não ousaram manifestá-lo ao Povo. Que seria da revolução se tal fizessem!

A revolução não destruiu o Podêr creado pela Carta, o podêr constitucional do Rei na pessoa e dynastia de sua actual e augusta Representante, e o do Parlamento nacional com duas Camaras: confessou-o, confirmou-o, proclamou-o desde o seu primeiro brado; e por isso achou adherentes e defensores, que, sem taes protestos, todos sabem em Portugal e fóra d'elle, nunca havia de encontrar . . .

*Aqui foi o Orador interrompido pelo Sr. Deputado José Estevam, que disse: — «O podêr creado pela Carta era o Sr. José da Silva Carvalho.» — O Orador continuou, apontando para o deputado que o interrompera:*

Alli está, Senhores, a confissão ingenua de todas as minhas accusações; n'aquellas palavras está o testemunho irrecusavel de que todas as questões aqui são pessoas, de que tudo se reduz a mesquinhas, a miseraveis considerações de individuos, que os mais graves objectos, que os maiores interesses desaparecem deante d'estas pequenezas! Um homem é o princípio! A tres homens que se juntem, chama-se-lhes um partido! Ao simples ministro do principe chamam-lhe um podêr creado pela Constituição!

O Podêr creado pela Carta não se destruiu; mas a sociedade, ja desorganizada ou não organizada ainda para o novo podêr, chegou mais perto da dissolução: as pedras do edificio, ainda não ci-

mentadas, e que mal se tinham por sua juxta-posição, cabiram muitas e desconjunctaram-se todas. Quiz architectá-las de novo este Codigo administrativo que agora vamos reconsiderar: a experiencia provou que não pôde; quantos a fizeram, o declararam. E agora negam o que ja confessaram, — e agora fallam contra o que escreveram e assignaram; e o Codigo administrativo é a arca sancta, é o testamento da alliança em que não é permitido tocar.

Tal é a *materia* dos pretendidos argumentos com que nos combatem. A *fôrma* não é somenos. Um dos meus amigos que tem logar no centro, *correctamente* foi arguido de não intender os livros de Guizot, cujas palavras com a mesma *civilidade* lhe disseram que so textualmente sabía traduzir. E logo o mesmo polido orador, dando-nos, do alto de sua infallibilidade, a interpretação authênctica das doutrinas do grande publicista e *ordeiro* francez, resolveu a questão do *censo*, declarando que elle era impossivel em Portugal, porque Mr. Guizot tinha mostrado que as classes sociaes eram diversamente constituídas em França, do que na Inglaterra e nos Estados-Unidos. Não argumentou d'essas differenças para a que devia haver no modo e quota do *censo*, não para a proporcional differença que a differente constituição das classes portuguezas demanda: não; concluiu que o *censo* era impossivel!

So o chamar a ésta questão a questão do *censo*, é a maior das muitas decepções com que a opinião pública em Portugal anda ludibriada. Por Deus, fallemos um dia a verdade. — A questão que se tracta é a da *próva do censo*. São cousas mui differentes. A questão do *censo* resolveu-a a Constituição, não se pôde tractar d'ella. Mas pôde, deve e hade-se tractar a da *próva*, porque no-lo manda a Constituição, porque o exige, porque a quebramos, e ao juramento que lhe démos, se a não tractarmos e resolvermos.

Ésta famosa e arteiramente complicada questão é todavia clara e simplicissima: reduz-se a saber se hade estabelecer-se uma *próva* fixa, legal e verdadeira do *censo* que a Constituição marcou, *próva*

egual para todos, e protegedora dos direitos políticos dos cidadãos, — ou se hade ficar como tem estado, inconstitucionalmente entregue ao arbitrio das autoridades que, segundo a geral confissão de toda a Camara e de todo o reino, por querenças e malquerenças pessoaes, por sympathias e antipathias de partido, por odiosinhos e amizadesinhas, por espirito de bairro e por compadrego, incurtam e estendem, a seu capricho, a medida que teem nas mãos e que não é afferida pelo vero-pêso da lei.

Ésta é a sincera verdade: mas porque se não diz? Porque é necessario calumniar os Ordeiros, e clamar que elles querem tirar os direitos ao Povo, que para o excluir da urna propozeram a lei do *censo*.

Nós não propozemos lei nenhuma de censo; tórno a dizê-lo; a lei está feita na Constituição. Porque se mente pois ao Povo? Porque se lhe não diz: «N'essa Constituição que reformámos, que jurastes, «e que tanto dizem que amais, foi feita esta lei: o «vago em que alli está expressada tem dado causa «a mil fraudes e abusos, que todos (e note-se bem, «*todos*) temos reconhecido. É nossa obrigação e «vosso interêsse que lhe fixemos regras claras e posi- «tivas.» — Mas isto era fallar verdades lisas que não aproveitam; e vale mais dizer: «Os Ordeiros in- «ventaram esta chymera do censo que não serve «senão para vos excluir da urna e para a entregar «nas mãos do Podêr.» — É uma falsidade, é uma calúmnia: bem o sabe quem o diz; mas diz-se.

Até com a formação do actual ministerio, e com a questão estrangeira quizeram inredar esta nossa questão da próva do censo. E ja nós a tinhamos proposto nas Côrtes Constituintes, e ja na passada sessão ordinaria a instaurou de novo a penultima administração, e o Centro forcejou em vão porque se tractasse. E permanente devia ella ter sido n'esta Camara desde que se votou a Constituição. Não é nossa culpa se o não foi.

Dizem-se em verdade aqui pasmosas e incriveis cousas! «Esta lei, clamam, esta lei do *censo* vai «excluir da urna os proprios defensores da Legitimi- «dade e da Liberdade, que deram o seu sangue por

«que nós gosássemos d'esse direito.»... Se tal é, Senhores, se tal fosse, voto desde ja contra este, contra todos os projectos de um Ministerio tam insolente que tal ousa vir propor a uma Camara de deputados portuguezes. Mas é falso; e quando la chegarmos a essa questão (se nos deixarem chegar a essa ou a outra qualquer de verdadeiro interêsse público) então veremos se uma lei necessaria para realizar a Constituição, sem a qual a Constituição é mentira, a representação nacional um absurdo, pôde excluir ninguem da urna. Então veremos se os direitos politicos dos cidadãos de todas as classes podem ser melhor qualificados pela ridicula infalibilidade de uma junta de parochia, de uma camara muitas vezes nem eleita, de um conselho de districto que nem representa nem conhece o districto, mas so a terra em que moram os seus membros que, por *moradores* e não por *sabedores*, a tal concelho são chamados.

De toda a parte teem vindo os sophismas. A propria desgraçada Irlanda, á última Bretanha se foram buscar; e entrados por contrabando, com offensa das pautas do senso commum, aqui os trouxeram para combater verdades que nós appresentamos francamente, despachadas na alfandega como tracto claro e leal que são. «Vejam a Irlanda, olhem para a Bretanha» — exclamou, vehemente e triumphante, um orador do lado esquerdo: «quem as reduziu a esse misero estado em que se acham? A Ordem. Quem as opprime e avexa? Os Ordeiros.» Pôde-se ter o riso com este modo de argumentos, pôde haver algum mais contraproducente, mais para fazer compaixão? Exemplo das calamidades da ordem, a Irlanda! A Irlanda que tem sido victima da desordem, victima de um systema exclusivo e faccioso! — (Tudo quanto é faccioso é exclusivo, tudo quanto é exclusivo é faccioso.) Que contra seus habitos e crenças, contra sua fe e costumes, a quiz sujeitar a uma religião repugnante, a uma politica especulativa e absurda! Perguntem-n'oa O'Connell, perguntem-n'oa ao mestre agitador O'Connell, se os primeiros respiros folgados que soltaram, se a primeira aurora de felicidade e liberdade que n'aquella

votada ilha appareceu, não foi quando a Ordem, impondo silencio ás facções exclusivas, triumphou no parlamento Britannico, chamando á communhão politica aquelles cidadãos que os facciosos faziam facciosos, como todos os partidos exclusivos fazem.

O mesmo direi da Bretanha, desgraçada e facciosa em quanto os facciosos de París lhe queriam impor uma religião de loucos, uma lei civil de barbaros, — pacificada e obediente logo que, liberto dos facciosos, o govêrno da França lhe levou, com a ordem, o regimen da tolerancia e da razão.

E não seriam os absurdos facciosos os que dilaceraram e atrazaram aquellas duas tam bellas e ricas porções de dous grandes imperios? E não seria a Ordem que as restituiu e chamou á civilização? A Ordem que desfaz o exclusivo insultante e usurpador das facções, que dá a cada-um o que lhe é devido, que a todos os partidos chama indistinctamente aos cargos, aos empregos, ás honras, á protecção, á liberdade; que os não quer patrimonio de nenhuma familia privilegiada como d'antes eram, nem de nenhuns partidos como hoje se queriam fazer. E tam mau é para o Povo que as dignidades e funcções públicas, que o gôso exclusivo de todos os direitos andem de juro e herdade n'uma casta ou n'uma classe, como que andem infeodadas n'um partido ou n'uma seita. Ao Povo convem, a Ordem exige, que os talentos e as virtudes sejam chamadas sem distincção ao serviço do Povo e do Rei; e que, assim como ja não póde o Christão velho excluir o Christão novo, nem o fidalgo o peão, tambem não possa um partidario excluir a outro. — Ora os Ordeiros que-rem annullar esse *veto* usurpador e insupportavel, que a propria familia liberal ia dividindo em tantas fracçõesinhas quantas eram ja quasi os seus individuos — e este crime é imperdoavel! E' certamente, nos tribunaes facciosos deve sê-lo.

No soffrego e imprecitado desejo de deprimir uns para lisongear outros, excitando a desconfiança e a guerra entre todos, se brada ao Povo que nada deve aos seus capitães, aos que nas fileiras *ordenadas* da Liberdade o tem sempre levado, a elle povo, a triumphar da usurpação ultimamente, a susten-

tar a sua independencia nas guerras antigas. Ah Senhores! Na monarchia livre não é necessario o ostracismo. O primeiro logar está sempre occupado pela lei: nem os serviços de Themistocles nem as virtudes de Aristides mettem medo á nossa republica. Bemdita seja a nova e preciosa fórma da liberdade moderna!

Não é isso o que a Nação quer, não são d'essas tredas louvainhas as que lhe affagam os ouvidos: que se desinganem os seus cortezãos. A Nação bem sabe que, se o povo fez serviços á causa da Liberdade, tambem a classe média os fez, tambem a aristocracia — e tambem o throno. Digam a verdade, digam-n'a toda; que a metade so da verdade é uma mentira inteira. A Nação não distinguio classes, não as mediou, e sôbretudo não *desconfiou*, não abriu devassa de suspeitas, quando se levantou em massa — e essas sim que eram virtuosas massas! — para cahir sôbre o despotismo.

Emtorno do estendarte que se hasteou na Terceira, que desimbarcou no Mindello, vinha reunir-se o peão com sua nobre espada, o nobre com sua espingarda de soldado razo. Vimos o dezembargador sobraçar a beca para carregar o obuz; e curvar o joelho, na linha de frente, o fidalgo mais preocupado de sua linhagem historica. Taes questões de precedencia ou preferencia, não as admittia então a Nação porque so queria recuperar a sua liberdade; não as admitte agora porque so quer gosar da sua liberdade.

Não por falta de diligencias que agora se não façam, não por falta de esforços que então se não fizessem. Bem se agitou, bem se declamou, bem se trabalhou para introduzir em nossas pequenas fileiras o germem de discordia que ja então andava por essas cabeças que sempre me obstinei a chamar loucas, quanto ainda hoje me obstino por lhes achar innocentes os corações. Bem trabalharam, repitto; mas a Ordem triumphou, e por isso a Nação venceu.

Oh! virtuosas massas eram aquellas! Ide agora, ide, lançaes outra vez nas praias do Mindello, levantadas d'esse azedo fermento com que as levdais a cada instante, e vereis se teem a mesma virtude. — Hãode tê-la se o perigo voltar, porque n'essa



hora os *amassadores* fogem, o fermento abate, e sofica a substancia compacta e san da lealdade e do valor de um povo generoso. O povo não os crê aos falsos publicolas, e respeita e venera os seus caudillos verdadeiros. «Ide, lhes responde elle, ide dizer aos Suiços que derrubem a estatua de Guilherme—  
 «Tel, aos Americanos que despedacem a do seu Washington, aos Romanos que despenhem da rocha Tarpea as dos seus Brutos e Camillos. Ide-lhes prégar que a si sos, e não a seus illustres capitães, «devem a liberdade: indoudecei-os se podeis. Nós «queremos adorar a espada ferrugenta do Condestavel, queremos prostrar-nos deante dos tumulos de «João I e de Pedro IV. Queremos por gratidão, «queremos por interêsse, porque na hora da angústia «bem sabemos com quem nos havemos de achar.»

Ao menos se estes solecismos politicos não fossem tam escandalosamente mal soantes! Mas, com a ância de deprimir o merito verdadeiro, de converter o respeito público em odio, proferem-se cousas que pasma. Taes ha que até são injuriosas aos proprios que as dizem, e que, se as dissesse outrem, para si as tomariam por affronta imperdoavel e atroz.

Disseram—E como se lhes não engasgou a blasphemia na boca! — disseram que *eram maiores os serviços feitos á causa da Liberdade pelas auctoridades do usurpador que tinham alguma indulgencia comnosco, do que os outros todos, do que os proprios serviços do campo de batalha!*

Estas palavras proferiram-se: é tarde para as negar: gravaram-se-me no coração para sempre; registou-as o Povo no seu livro grande, a memoria das gerações que nunca se perde... Ide dizê-lo a esses que nos esmollam ás portas porque gastaram quanto tinham para nos soccorrer e defender! Ide dizê-lo ás viuvias dos que morreram no campo da honra! Ide dizê-lo aos orphans dos que expiraram no patibulo não menos honroso! Ide, que vo'lo agradeçam!

São d'esses desvarios, são desatinos como esses os que, tanto ou mais do que a absurda e impossivel lei das indemnizações, teem indoudecido as gentes, e fomentado a desordem das provincias,

especie de anarchia de bairro que trouxe a tyrannia d'aldea, assim como a grande anarchia dos povos traz a grande tyrannia dos reis. Bem chamou um amigo meu a este estado das nossas commarcas, o *feudalismo dos valentões*. Responderam-lhe com banalidades, invectivaram-n'o com affrontosas suspeitas. Eu quero para mim parte do vituperio, porque a mesma expressão adopto, porque faço a mesma asserção. Que lei tinham os antigos senhores feudaes? A de chamar seu a tudo á roda de si, até onde chegava a ponta de sua espada. — Qual é o unico direito que reconhecem esses novos barões feudaes das nossas terras? O de chamar seu a tudo á roda de si até onde alcançam as bocas de seus arcabuzes, os bicos de suas baionetas: outra differença não vejo entre estes dous feudalismos, senão a da hypocrisia da parte dos modernos: porque os antigos criam piedosamente no seu direito; os nossos sabem, professam e prégam o contrário do que praticam.

*Et consules vident!* E nós vemos e tolerâmos, e por coroa de vergonhas, havemos de ir dizer á Rainha, n'essa resposta, que o paiz está tranquillo e feliz!

E porque houve um homem honesto e corajoso que ousou dizer alto a verdade, apedrejam-n'o das mais ponderosas calumnias. Foi o meu amigo o Sr. Deputado por Béja a quem, por expor, e propor remedio para, o verdadeiro estado de Portugal, — de todos os crimes accusaram, até de convidar os estrangeiros para nos virem conquistar! Sem remorsos, sem consideração por um homem fraco e valedudinario, um lavrador de nenhuma pretensão, modesto, e que não tira o logar a ninguem pelo pouco que na sociedade quer occupar, n'elle personalizaram o Evangelho da Ordem tam abhorrecido, vestiram-n'o com a purpura do escarneo, coroaram-n'o dos espinhos da calúmnia, impunharam-lhe o sceptro de canna da irrisão, expozeram-n'o em uma varanda de ignominia, e bradaram ás turbas concitadas: « *Ecce homo!* » Eis-ahi está quem vos quer vender aos estrangeiros!

A affronta não recahiu sôbre o affrontado, toda

irá para as faces do que n'esta hedionda e sacrilega  
farça se atreveu a ser Pillatos! . . . lave embora as  
mãos em quanta agua tem o mar.

Não tinham esse proposito, — não asseveravam  
taes cousas, — era um modo de argumentar, uma  
supposição oratoria . . . Assim se evadem depois a  
uma responsabilidade moral que era mais corajoso  
ao menos ter a desfaçatez de arrostar.

Sabem que é falso o que dizem; para que o di-  
zem? Suspeitam-n'o? Pois com meras suspeitas se  
accusa em materia tam grave? — E suspeitam-n'o  
como, com que fundamento? Appontae um unico  
indício, o mais leve. Temos saudades do despotismo,  
dizeis. Nós! saudades do despotismo nós! Repara-  
tes bem n'estas caras? Vistes as vossas ao espelho da  
consciencia, antes de proferir tal?

Para taes accusações, por taes accusadores, o  
desprêzo é a unica resposta. Julgue Portugal entre  
nós, julgue, sem mais allegação, entre os auctores e  
os reos, que bem nos conhece a todos.

Que haja quem tenha saudades do despotismo  
n'esta terra! Não se receia, não se crê senão dos que  
ja foram validos e fautores do despotismo. Aonde esses  
estão, não sei. — Sei que não estão aqui no centro.

Ah! que se taes saudades nós tivéssemos, bem  
facil nos era fartá-las, e prompto. Ah! que se tal  
desejassemos, não estaríamos aqui ha quatro annos  
combatendo a anarchia todos os dias; bradariamos  
tambem com os desordeiros, ajuda-los-iamos em suas  
loucuras, excita-los-iamos em seus desvarios, porque  
no fim d'elles, nós sabemos de certo, nós infallivel-  
mente contâmos que está a tyrannia.

E com tudo, liberaes, grandes, generosos,  
portuguezes verdadeiros, elles! Elles sós; não se  
passa alvará a mais ninguem. A justiça politica, o  
espirito essencialmente anti-exclusivo, anti-faccioso  
da nossa doutrina, nos fez proclamar a necessidade  
de restituir aos cargos publicos os que, por mera  
differença de opiniões constitucionaes, os tinham per-  
dido — assim como nos fez desejar ver sahir da urna  
os nomes honestos e distinctos de todos os partidos.

Eram verdadeiros os nossos desejos, eram sinceras  
as nossas proclamações? Ahi está o acto Real

de 4 de Abril aconselhado por um ministerio ordeiro;ahi estão as listas ordeiras da passada eleição em que apparecem confundidos os nomes da direita e da esquerda. Ahi está finalmente a lei proposta pelo centro na ultima sessão, so por elle sustentada e por alguns poucos generosos animos da esquerda da Camara! Ahi estão finalmente os actos do ministerio ordeiro, as suas nomeações, as suas escolhas.

Os grandes crimes d'esse ministerio eram não ser exclusivo; e todavia os exclusivos clamavam para a direita: «Uni-vos a nós, homens da Carta, «ajudae-nos a esmagar este centro presumpçoso: «nós é que somos gente liberal e generosa: tanto «que até tinhamos tenção de enviar uma mensagem ao Throno para serdes amnestiados.»

Não serão os Ordeiros, não podem ser elles de certo, os que se oppoñham a tam fraternal união. Especialmente eu aqui posso dar testemunhas de quanto me esforcei o anno passado por que se organisasse um ministerio de fusão, por que a direita e a esquerda conviessem em principios communs de governação, paraque assim acabasse ésta guerra sem nome, sem fim, sem glória, que é a nossa desgraça e a nossa vergonha.

Oh! porque não acceitaram o convite! Ainda é tempo; juntem-se para esmagar o centro. Por esse modo, a trôco d'essa reconciliação, o centro folgará de ser anniquiliado. Perdoavamos-lhe a morte se fossem capazes de n'o-la dar assim. Não era isso melhor e mais facil do que estar a levantar essas calúmnias que nos dão vida, porque todos as conhecem por taes?

Para que é pintar estes ordeiros, tam poucos e tam fracos, urdindo conspirações gigantescas para terriveis reacções? Ja armando forcas, ja affiando cutellos! — Será para ter o gôsto de nos darem aquelle charitativo conselho do outro dia: «*Olhae que haveis de ser victima d'elles!*» . . .

O orador foi de novo interrompido pelo Sr. José Estevam, que disse: «*Declarci que lhes haviamos de perdoar.*» — O orador continuou:

Guardem o seu perdão, que lh'o regeitámos; não

queremos amnestia : n'esse juizo nem allegar que-  
remos, não lhe reconhecemos competencia.

Queremos ser julgados pelo *merecimento dos autos* e no tribunal da Opinião nacional. Subam os feitos da nossa vida, dos nossos escriptos, das nossas fallas. Mostre-se um facto, um ditto, um gesto que indique o pensamento de querermos appellar para esses meios barbaros de decidir questões politicas.

Os professores do direito público da guilhotina, os que querem illustrar a nação á luz das *lanternas*, os publicistas canibaes, os jornalistas hotentotes... vejam aonde os acham... no centro bem sabem que não.

Quanto a mim porêm, a mim pessoalmente, nenhuma d'estas calúmnias me offendeu. Callejei ha muito a paciencia no espicagar d'essas agulhas ferugentas: desprézo os que se aviltam a negociar n'esse tráfico negro, que mercadeja de reputações tam desalmadamente como os *liberalissimos* negociantes d'escravos commerceiam dos corpos e almas de seus semelhantes. Piratas ambos que a civilização vai castigando, e no bando de cujo imperio os veremos postos em fim, desafforados e proscriptos. Por mim, me não importa o seu

*Coaxar de rans em lodaçal immundo.*

Os individuos morrem; depois da morte vem a justiça, e começa a immortalidade das famas honradas. Eu não sou materialista religioso nem politico, espero salvar a minha alma em Jesu-Christo, e o meu credito na lembrança dos Portuguezes: n'essa esperanza certa de resurreição adormeço tranquillo ao som dos huivos infernaes com que presumiam fazer-me desesperar n'esta hora que cuidaram de morte.

Mas não é assim das crenças e opiniões politicas: essas não morrem, essas precisam desaggravadas em vida dos que as professam, e por isso as vim hoje defender, e aos meus irmãos em doutrina, dos treicoeiros ataques de seus inimigos. Por mim, ladrem todas as tres gargantas do cão infernal, que nem me importa açaimá-lo de fôrça, nem uma *sopa* lhe heide deitar para lhe callar um latido.

Como cidadão nunca renunciei um direito, nem

que me custasse a fazenda, a vida, a patria: tenho-o provado nos cárceres, no exilio, na miseria...

Como subdito, nunca faltei a uma obrigação: e não menos duramente assellei a minha lealdade...

Como portuguez, nem um pensamento leve, momentaneo, -- chegou a cruzar-me ainda no cerebro, de que não possa vangloriar-me á face do mundo...

Como funcionario público, quiz minha boa estrella que ainda não estivesse em logar a que podessem chegar nem as suspeitas da inveja...

Fraco homem de letras sou, não presummo d'ellas; mas nunca prostitui a minha prosa n'uma mentira, os meus versos n'uma lisonja.... Fallem esses opusculos que a Nação portugueza ainda tem a indulgencia de ler.

Fraco soldado fui, o último, o derradeiro d'essa phalange em que tantos morreram para nos immortalizar a todos. Mas nem fiquei (\*) nos *bailes de Paris* ou nos *pasmatorios de Londres*, em quanto os meus compatriotas vinham incerrar-se nos debeis muros do Porto; nem a minha mão, apesar de imbelles e doente, recusou pegar na espingarda de soldado, para ficar nas reservas de França e de Inglaterra, maneando a penna censoria que tudo achava mau quanto se fazia pelos que expunham a sua vida por elles. Cubri-me do vestido grosseiro, nutri-me do pão grosseiro do soldado razo, nunca tive outra paga ou outra etapa, fiz como os outros sem ser valentão; e a debil pégada que o meu obscuro pé imprimiu nas praias do Mindello, hade ficar gravada na historia, como a dos bravos cujos heroicos feitos rodeam de uma aureola de glória os fracos serviços de seus honrados companheiros que, para o commum empenho, não deram pouco no que deram porque era quanto tinham. — Mas aquelles podem pleitear serviços comnosco, e não o fazem! Quem são esses que véem a juizo com as suas preferencias? Agradeçam-me que lh'o não diga, que lhes não pergunte *aonde* estavam, que lhes não pro-

(\*) Estas palavras de amarga censura foram repetidas pelo orador unicamente porque o Sr. José Estevam, de cujo discurso as tomou, as lançára de accusação aos deputados do centro.

ve um vergonhoso *alibi* que de vis accusadores os faça reos mais que infâmes!

E todavia, Senhores, não é tanta minha professada abnegação que me não doesse, e muito, quando até nas afeições privadas, nas sympathias do coração me quizeram offender, porque innocentemente citei o nome de um meu illustre amigo — bem como podéra citar muitos outros nacionaes e estrangeiros —, para provar que nem era inconstitucional, nem incurial que entrasse em nova administração um membro de outra que as votações parlamentares tivessem obrigado a deixar os negocios.

Accertaram-me com o lado vulneravel, confesso; porque em toda a minha vida pública e privada — digo-o alto e altivo — nunca trahi um amigo, nunca desacatei um amigo, nunca me esqueci de um favor, de um cumprimento, de uma attenção leve e de mera civilidade que uma vez me fizessem. Posso discordar em opiniões dos meus amigos; quero essa liberdade, não a dou por cousa alguma; alterar os meus sentimentos, fallar, obrar contra elles, nunca. Teem-m'o feito a mim, não o retribuí, não o retribuirei jamais.

Pois doeu-me a insinuação maldosa e má. — E mais bem sei que aquelle meu amigo velho de muitos annos, está bem certo de quem o deseja honrar, e de quem tantas vezes procurou deshonorá-lo — de quem n'este mesmo logar, no seio da representação nacional lhe fez atrocissimas accusações, de quem o defendeu d'ellas. De qual seja a gratidão das facções nenhum homem ainda levou mais completo desingano n'este mundo — quando nas ruas de Lisboa a insignia brilhante que em seu peito testemunha dos serviços feitos á patria, da *gratidão* do Throno e da Nação — apenas pôde salvá-lo de receber no mesmo peito a *nova condecoração* que lhe iam intallar...

Mas para que é fallar tam solemne e tam de véras? Perdoe-me a Camara pelo tempo que perdi em responder serio a meras ironias de gracejo, piccantes apenas pelo sal attico que lhes deu sabor tam fino. *Atticos* motejos certamente, gallantes em sua propria mordacidade, por mais que diga essa gente

de ruim gôsto e paladar depravado, que nem a douda elegancia do stylo de Alcibiades lhe quer achar, nem siquer a crapulosa mas poetica *felicidade* do genero aristophanico!

Valha-me Deus! Pois não o declarou, desde o princípio do seu discurso, o nosso principal accusador? E eu que só agora reparo n'isso! Não declarou elle logo que todos os peccados dos Ordeiros tinham sido commettidos nos deliciosos sonhos do porto Pyreu, onde como doudos nos achou a imaginar venturas, podêr e mando? E sobrou-lhe o juizo, a elle, chegou-lhe a charidade para nos curar.

E' verdade, confessamo'-lo; estavam sim no porto Pyreu quando vendo entrar certas caravellas suspeitas, apezar da bandeira Constitucional-monarchica com que navegavam, não conhecemos, pela mastreação e feitio do casco, as terras d'onde vinham; e so vimos, ao descarregar, que era desordem, anarchia e ambição o que lhe pejava o cavername. — Descemos curados do porto Pyreu, e sem querer mal ao medico.

Mas não fomos nós os unicos que estivemos no porto Pyreu. La estavam sem dúvida os que vendo entrar esses bojudos galleões carregados de urnas e de votos, de actas e de escrutinios, calculando mal a aura popular que lhes infunava as velas, imaginaram que toda aquella carga era sua, correram á alfandega, fizeram os gastos do despacho, e so conheceram a pequena parte que tinham na sociedade quando viram chegar os donos a tomar posse da maior porção da carga.

No porto Pyreu estavam os que suppunham que nenhum podêr era possivel senão o seu n'esta terra; e que a Nação se havia de levantar *em massa virtuosa*, cada vez que o Chefe do Estado ousasse quebrar o que, em sua modestia, como privilegio exclusivo se arrogavam, chamando fosse quem fosse aos conselhos da Coroa, sem ordem ou, pelo menos, sem consentimento de suas altas potencias.

No porto Pyreu estavam, mas com má e perigosa doudice, os que não duvidaram transtornar a ordem pública, fazer correr o sangue pelas ruas para que não entrasse no ministerio um homem for-



temente suspeito de Ordeiro a quem declaravam inimigo do Povo e assassino da liberdade — e que d'ahi a pouco chamaram inimigos do Povo e assassinos da liberdade aos que tiveram a menor dúvida sobre a conveniencia d'esse mesmo ministerio.

No porto Pyreu estavam os que, sem virtudes... ou com ellas, de toda a parte importavam calumnias e injúrias que vendiam a retalho, mercadejando da reputação dos homens de bem; e que, na momentanea crença que suas falsidades encontravam no vulgo, imaginavam ter estabelecido perpétua fé que para sempre os fizesse odiosos ao Povo, e so para si ficasse a boa opinião e credito de hourados exclusivos.

No porto Pyreu estavam os que sem serviços... ou com elles imaginaram podêr offuscar os de todos os que não fossem de sua parcialidade, e condemnar a perpétuo ostracismo quantos fizessem sombra a suas pretensões vaidosas.

O Povo não cahio no êrro; desinganou-os: d'elle se queixem, não dos Ordeiros que os avisaram sempre, e cujos remedios hygienicos, se a tempo os tomassem, lhes teriam prevenido a fatal molestia de que adoeceram, com que tanto mal fizeram, que tam dolorosa cura precisa.

No porto Pyreu estavam os que sem talentos... ou com elles, declararam ignorantes a quantos se não matricularam em suas palestras, imaginando que o Povo havia de estar pela sentença cathgorica de sua infallibilidade scientifica.

O Povo não os accreditou por suas palavras, quiz antes julgar pelas obras do que pelas criticas, e conheceu onde estava o saber e onde a ignorancia. Queixem-se do Povo.

Estavam no porto Pyreu os que no seculo decimo-nono, contando com a supposta ignorancia e verdadeira inexperiencia da nação portugueza, mandaram a França vasculhar as tribunas da *Constituinte*, da *Convenção* e dos *Jacobinos*, e carregaram grossos baixéis com os farrapos d'esses discursos tribunicios que hoje somente não são ridiculos pela recordação das atrocidades que causaram, e que apenas trazem ja o echo morto de palavras oucas e vans,

que os povos instruidos e escarmentados conhecem e escarnecem. Viram entrar esses baixéis, imaginaram-se negociantes de grosso tracto que iam realizar incalculaveis ganhos; e sómente se desinganaram quando, exposta nas lojas a mercancia tão gabada, o povo não quiz comprar os farrapos. Meia duzia de logrados que fizeram a experiencia, breve se arreponderam da fazenda avariada que tinham cahido em comprar.

No porto Pyreu tinham estado ja, sonhando engrandecimento e fortunas, os que na estatua de ferro da usurpação não viram os pés de barro que a sustinham, e, imaginando que eram seus exclusivamente estes reinos, contra os constitucionaes vociferaram e bradaram, até que, derrubada a estatua, tiveram de descer d'aquelle porto Pyreu: mas sem vergonha o fizeram, porque, logo n'outro idolo igualmente falso, o da anarchia, poseram as suas esperanças, e subindo de novo ao porto Pyreu, cuidaram que, por gritar mais que nós, por bradar mais alto que todos, a Nação esqueceria os serviços de uns, e o procedimento de outros, e os acreditaria mais liberaes que ninguem.

No porto Pyreu estavam os que, cobrindo as casacas bordadas de barões feudaes com a sotana de tribuno, escondendo debaixo d'ella as decorações aristocraticas, iam fraternizar para os clubs republicanos a certas horas do dia; e n'outras, despida a sotana, iam ás escondidas introduzir-se nos salões Reaes, forrar as paredes do Paço, e desforrar-se, em orgulho e vaidade, das horas da compressão em que tinham sido obrigados a affectar lhanesa e humildade. Como nos tempos de glória da velha *Rua dos Condes* e do *Salitre*, quando o rei incuberto desabotoava o casacão, e proferindo a solemne palavra *Reconhecce-me?* cahia tudo aos pés do rei de theatro, e o theatro com palmas e bravos; assim succederá a estes quando o povo, em mais vasta plateia, abrindo-lhes a sotana de tribunos, vir por baixo as fardas bordadas em todas as costuras, o orgulho de fidalgos novos, a presumpção da gralha com as penas do pavão. Tambem o theatro hade vir então abaixo, não com palmas, mas com assobios e apupos!

No porto Pyreu estavam os que imaginaram que este honrado Povo portuguez se tinha esquecido de que pela Legitimidade lhe viera a Liberdade, que na fidelidade dos seus Reis tinha a melhor garantia d'ella, e a *unica* de sua independencia; que na religião de Jesu-Christo — a so crença que professa a egualdade do homem — tinha o mais seguro amparo e fortaleza de seus direitos. Que assentaram que bastava dizer insultos ao Throno para que o Throno ficasse impopular; que bastava mofar da religião, para que o Povo abjurasse a religião de seus paes! . . . . O Povo zombou d'elles!! O Povo curou-os de sua loucura, desenganando-os, amando a religião, respeitando o Throno e querendo a liberdade com ambos. O Povo foi o seu medico, queixem-se d'elle se podem, mas as receitas ahí estão — e ás visitas do medico, ao menos não as pagaram.

---

---

#### NOTA DOS EDITORES.

Para não interromper a attenção do leitor, deixámos de marcar, nos logares do costume, os *appoiados*, os *bravos* e continuadas interjeições de applauso e interêsse com que este discurso foi recebido por quasi toda a Camara. Nas mesmas gallerias, em que reinava um respeitoso e attento silencio, não foi possivel conter, algumas vezes, a involuntaria expressão de assentimento e da convicção que entrava por todos os animos.

